

O COMMERCIO DE GUIMARÃES

Director

EDITOR — EDUARDO DE A. MACHADO
PROPRIETARIA — NARCISA DE J. F. MACHADO
PUBLICAÇÃO — ÀS TERÇAS E SEXTAS

ANTONIO JOAQUIM D'AZEVEDO MACHADO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA DE D. JOÃO I — 39 E 41

REIS DA BELGICA

Estiveram ha dias em Lisboa, durante algumas horas, os Reis da Belgica.

Coincidencia curiosa: tanto El-Rei como a Rainha, pertencem á Familia Real portugueza de quem são proximos parentes.

As entidades officiaes prestaram-lhes todas as honras devidas á sua elevada generancia; e todos se esforçaram por patenteiar aos Reis da Belgica, o amor, a admiração que em Portugal se sente pelos dignos representantes da Nacionalidade que mais soffreu com a grande guerra.

Nunca o Rei synthetizou em mais criticas circumstancias, o interesse nacional da sua Patria, como nas horas dolorosas do Yser!

Mas, com que firmeza! Exilados, expulsos, apenas com um pequeno e luminoso rincão de terra belga em seu poder, ali se agarraram tenazmente para offerecer ao invasor a mais formidavel resistencia.

Rei soldado, lhe chamaram em todos os tons os jornaes de Lisboa; Rei soldado, de certo, e bem se vê correr-lhe nas veias o sangue d'aquelle outro Rei Soldado portuguez, o heros do cerco do Porto, D. Pedro IV.

A Rainha, na cruz Ver-

melha, deu o alto exemplo do quanto pode um sorriso de Mulher no meio das dôres convulsas da guerra; demonstrou bem ter nas veias o sangue da Rainha Leonor, cujo nome andará perpetuamente ligado ás Misericordias, enquanto se fallar portuguez.

Os que tiveram que acclamar os Reis da Belgica, acclamaram Reis que tem elevado ao maximo esplendor o prestigio da missao regia.

Durante a guerra, os Reis fizeram as peregrinações das trincheiras e hospitales; na paz, os Reis tornam querido e universalmente amado o nome da Belgica!

Feliz nacionalidade que tem como base estrutural do seu governo a doutrina christã!

A republica portugueza quiz dar á festa em honra dos Reis, a sua caracteristica nota de liberdade; juntou mais alguns inoffensivos prasos monarchicos, ás centenas que ha 22 mezes jazem nas cadeias e no exilio!

Aqui apresentamos as nossas saudações mais calorosas aos heroicos Reis da Belgica; exemplo do quanto pode o prestigio dos Reis no progresso d'uma Patria.

CYRANO.

As moralidades apregoadas

Vejá-se o que diz a carta politica d'hoje de «O Noticias»:

«... O que vai pelos V. M. E. O que vai pelos H. O. de Lisboa! O que vai pelos B. S. ! E' a onda de lama a subir, e os republicanos honestos e honrados a pôrem as mãos na cabeça e a exclamarem cheios de vergonha—mas isto é horrivel! Nós não acamaramos com semelhantes creaturas!

Compras, vendas, falsificações o diabo! Isto um dia rebenta. A onda estravasa e morremos todos asfixiados.»

Oh! republicanos honestos; fugi d'essa podridão e vindo trabalhar com quem quer salvar a Patria!

Uma questão antiga

A falta de espaço e a necessidade de tratar d'outros assumptos, obrigaram-nos a pôr de parte a questão, que dia a dia se torna mais urgente, da crise da habitação.

Não é novo para ninguém que em Guimarães se lucha com falta de casas, grandes e pequenas, ficando casas que pela quantidade de familias que nelas habitam, se assemelham a ilhas.

Não ha meio de mostrarmos aos homens de dinheiro de Guimarães, que a construção de bairros operarios, lhe daria os juros suficientes ao capital empregado.

Dispõe-se tanto dinheiro em meras futilidades, e despreza-se este empreendimento de maior interesse e do qual se auferiria bom rendoso lucros.

Quando algum predio fica devolto, e quem pretende alugá-lo,

sabe com espanto que o senhorio já está comprometido ha annos!

Quem não tem casa sua, vive hoje n'um martyrio e sobresalto!

A quem recorrer, pois? A Camara? Sim, devia ser esta entidade que deveria interessar-se pela construção de bairros operarios, em habitações em harmonia com as classes medias, mas a Camara, não tem tempo de tratar d'essas ninharias, que seriam afinal em beneficio do povo!

Dentro em breve, a crise das habitações, em Guimarães, tornar-se-ha pavorosa!

Tem-se demolido muitos predios, e não ha quem construa.

Devia tratar-se sem demora da construção de novas casas, visto que, dentro em breve, muitas familias terão de dormir, como os ciganos, ao ar livre...

Em Guimarães, triste é confessar-lo, não ha quem vele pelo bem estar dos seus habitantes.

No tempo da propaganda republicana, tudo se promettia, e agora é o que os nossos leitores tem visto.

Siga-se d'esse marasmo criminoso e veja-se que não podemos viver e habitar ao ar livre.

E' certo que o responsavel em parte, d'este estado, é o operariado, que com as 8 horas de trabalho, tem fôrça-trabalho e capital, contribuindo para o seu mal estar.

E', a nosso ver, uma questão de difficil solução, que vem preocupando não só Guimarães, mas todo o paiz e mesmo o estrangeiro, aonde tambem se faz notar a falta sensivel de habitações.

Mas, porque não quer a Camara deixar o seu nome ligado a um melhoramento uti? Então as promessas só se fazem na opposição?

Vamos, mãos á obra, e a victoria será certa.

JUSTIÇA!

João Azevedo

Do nosso presado collega de Fafe—«A Tradição»—transcrevemos o seguinte artigo:

Ha dias, os jornaes da manhã trouxeram até este recanto onde me encontro isolado da quasi todo o mundo, a noticia de que a Guarda Republicana assassinara em Fafe, João Azevedo, por ter soltado um grito de:

Viva a Monarchia!

A redacção da noticia tinha um certo ar jocoso que me indignou, que me fez estremecer de pavor perante a inconsciencia, e apathica indifferença com que se vê agora o assassinato d'uma pessoa honrada, pela mais futil questão.

A noticia desenvolvida d'esse crime que—«A Tradição»—scaba de me fazer conhecer com todos os

seus tragicos pormenores, fez vibrar ainda mais o meu coração com magua pela perda d'essa vida que deixa viuva uma creança; e orphãos sete sobrinhos a quem generosamente servia de Pae.

A minha alma revolta-se profundamente; não tenho palavras bastante esperas; não ha phrases que possam exprimir a vehemencia da minha indignada reprobación.

Qual foi o crime de João Azevedo?

Soltar vivas á Monarchia?

E' isto um crime? Não; e ainda que o fosse, não podia ser punido com a pena de morte, porque não existe, essa penalidade.

Quando muito, um:—Viva a Monarchia!—é uma falta ligeira, um grito subversivo, a que corresponde uma leve pena correctiva nos codigos em vigor.

E' um grito subversivo, é preciso accentuar bem, n'esta «nossa querida republica», tão tolerante, tão generosa, tão liberal e livre pensadeira!!!...

Porque, na monarchica e reaccionaria Hespanha, que tantos orgulhos causa aos nossos imbecis democraticas; n'essa Hespanha que se rega nos escolas pela moral de Deus e da Religião; que tem padres e jesuitas; irmãs de caridade e hierarchia social; n'essa Hespanha, os vivos á republica, não são considerados gritos subversivos, senão quando soltados com o propositado fim de offender os altos representantes das Instituições vigentes.

Abuliu-se no nosso paiz a pena de morte no tempo da Monarchia, tendo firmo esse decreto o Senhor D. Luiz I.

Restaurou-se essa pena de direito no tempo da generosa republica, sendo presidente o cordelissimo Sr. Bernardino Machado; mas, a republica, não teve coragem para decretar a sua applicação, senão nos campos de batalha, na zona das operações.

As instituições republicanas portuguezas, hypocritas e mentrosas, que ostentam na fachada esse sarcastico e imbecil lema:—liberdade, igualdade e fraternidade—, não se deram por satisfeitas; a pena de morte existe de facto em Portugal, applicada todos os dias pelos «defensores do regimen», praga amaldiçoada que tanto tem torturado a nossa terra.

E' preciso que a pena de morte assim applicada seja abolida para sempre; precisamos unir-nos todos para que a vida humana não esteja assim tida em tão pouca conta.

Justiça! Bradamos d'aqui aos poderes constituídos da republica, que tem tambem deveres a cumprir; não só direitos a exigir.

Justiça! Clamamos bem alto, com todas as veras da nossa alma, para que todos nos possam ouvir.

Este crime não pôde ficar sem ser castigado. Não se pode deixar matar um homem, impunemente só porque soltou este grito:

Viva a Monarchia!

Indigne-se o que se passou.

Averigue-se quem foi que assim atropelou a justiça divina e humana.

Pena quem tem o dever de punir; para que a vida humana não esteja á mercê da primeira fera que se julga com o direito de applicar uma pena, que, ha mais de meio século, foi bandida da nossa legislação, por não corresponder ao nosso espirito actual.

Justiça! Porque estamos na Europa e temos os olhos dos estrangeiros sobre nós; e só com a escrupulosa applicação dos direitos e dos deveres, poderemos manter-nos á superficie, n'este mar tempestuoso de agitas paixões.

Justiça! Que nos perdemos n'esta criminoso maneira de, em tão pouco se avaliar a vida, esse dom precioso de Deus.

Justiça! Que a impunidade do crime, é o mais energico incitamento á perpetración d'outros crimes.

E' preciso opôr uma solida barreira a esta torrente de crimes que tem manchado as terras portuguezas.

Só a pratica da moral christã pode formar esse dique; só detrazendo por toda a parte, em todas as intelligencias os ensinamentos da sublime religião de Christo, se pôde dar ás massas populares com a reconfortavel superioridade da sua moral, o respeito sagrado pela vida humana.

Justiça! Brado em com a minha voz debil, é certo; mas, tão sentida, que, estou convencido, ha de encontrar echo no peito de todos os que tem combatido pela Causa da Igreja, pela Causa Nacional da Monarchia, em cujos hostes João Azevedo enfileirava.

Que a familia de João Azevedo saiba que, todas as pessoas de sentimentos a acompanham na sua enorme dôr.

Que a familia de João Azevedo tenha a certeza de que, a morte do seu honrado chefe não passou despercebida aos que se batem pelo triumpho da:—Justiça!

A sua dôr, é a nossa dôr tambem; os seus soffrimentos são compartilhados.

E, por enquanto esperando Justiça!

Oremos a Deus pelo eterno descanso d'essa alma que, para a definir, para bem ser avaliada, haster sido o amparo dos seus sobrinhos, ha pouco ainda orphãos da Pae.

Cyrano.

P.º CALDAS

Para continuar os seus estudos, partiu para Coimbra o nosso dedicado amigo, rev. João Luiz Caldas, nosso collega do «Gil Vicente».

Boa viagem, e que regresso breve ao seio de seus amigos.

A boa administração republicana

O que vai ler-se prova a evidencia a boa administração republicana e a probidade e a honradez como taem sido tratados os negocios publicos em Portugal. Isto tem sido a sorte grande dos republicanos! E' faltar que pouco mais ha que sugar!...

Da carta enviada a um jornal da noite por um jornalista que ha muito tempo vive em Paris, transcrevemos os seguintes interessantes trechos:

Pois, cá fóra, e em todos os meios officios portuguezes ha muitos abusos a suprimir, para honrada nossa terra. Gastamos loucamente, como se nada fossemos em giro.

Cada revolução, por exemplo, põe um ministro da Republica em Paris. Os ministros Chagas e B. Rodrigues, como alcatazados da politica, sobem e descem na Legação, conforme no Terreiro do Paço o realjo da governação toca a ária Moderada ou Revolucionaria. E o sr. Chagas, cada vez que retoma assento no departamento da avenida Kieber, exige da Republica que se lhe pague o tempo em que foi desappareado do seu cargo.

Assim, pois, a Republica tem pago, sem bufar, a dois ministros em Paris; e o sr. B. Rodrigues num biquete em que o encontrá quando o sr. Chagas retomou novamente a Legação. dizia-me, em bom portuguez: «Gá me terá novamente na Legação». O que quere dizer que brevemente o sr. Chagas irá repousar-se, com todos os seus vencimentos, como de costume!

E a Legação de Paris é, por isso, uma... sinecra.

Tem cinco secretarios e um adido, pelo menos. Tem uma gente de publicidade, que, no tempo do sr. Rodrigues, ganhava 5000 francos por mez. Tere—e não sei se ainda tem—um adido naval; e tem, com certeza, um adido, militar b... estipendiado. O adido militar não funciona como devia e o seu proprio titulo indica, «junto da Legação».

Tem instalação especial e um estado-maior de funcionarios que a nossa pobreza, a nossa falta de exercito de catiquos e a paz octaviana que disfructamos não justificam por forma. Mas não é tudo, ou antes, isto é... quasi nada, comparado com outro acto mais... estupendo.

—A Legação de Portugal em Paris tem um automovel ás ordens permanentemente e a «Legação» militar tem dois, nas mesmas condições! E' a unica Legação que se dá este luxo asiatico.

Se o assunto não fosse tão tregico, pôde supôr-se a bellissima opereta que se faria sobre este espantoso bródio de Paris!

(D'A Opinião).

Pharmacia aberta

No proximo domingo estará aberta a pharmacia Alfredo Martins.

CARNET

Após alguns dias de permanencia entre nós, regressou a Lisboa, o grande benemerito e nosso amigo o sr. Luiz Antonio Pereira e exm. familia.

Estava entre nós o nosso patrio o sr. Manoel de Freitas activo empregado commercial na praça do Porto.

Da visita a seus illustres paes, está entre nós o nosso conterraneo o sr. dr. Gonçalo Monteiro de Meira, ex^{ma}. esposa e gentis filhinhos.

Que calamidade!

Parece que Deus de todo nos voltou as costas e de todo nos entregou aos vae-veus da sorte.

Tudo nos persegue, como que sobre nós tenhamos pendente um enorme castigo...

Até agora aparece a terrivel fobrea aftosa que vem disimando dezenas de cabeças de gado bovino e suino!

Infelizmente tambem já chegou essa terrivel praga ao nosso concelho e cidade, havendo já bastantes victimas a lamentar.

E' preciso todo o cuidado com a fervura do leite. E' preciso fervê-lo bem, para que, se a vacca estiver affectada, não venha tambem affectar-nos.

Todo o cuidado é pouco.

Nascimentos

Teve ha dias a sua delivrança, dando à luz um robusto menino, a exm. sur. D. Maria da Madre de Deus Pereira Mendes, esposa dedicada do nosso amigo e importante negociante de espedaes o sr. Manoel Martins Fernandes.

O baptisado do neophito deve realizar-se no proximo domingo na parochial de S. Paio.

Tambem a exm. sur. D. Anna Cuidada da Cunha Machado, esposa do nosso amigo e conceituado negociante o sr. Manoel da Cunha Machado, teve ha dias a sua delivrança, dando à luz duas galantes meninas.

—A's creanças recém-nascidas desejamos um futuro côr de rosa e a seus paes apresentamos o nosso cartão de cumprimentos.

Atenção

Todos os proprietarios de pianos, pianolas e pianos de concerto são obrigados, no prazo de 60 dias

BANCO POPULAR PORTUGUEZ

CAPITAL 3.000.000:00

AGENCIAS EM TODAS AS LOCALIDADES DO PAIZ

Agente em Guimarães: José Joaquim Vieira de Castro

(ANTIGA CASA SEQUEIRA—RUA DE S. DAMASO)

Desconta letras sobre todas as agencias. Accelta dinheiro a prazo e a ordem. Compra libras, cheques, coupons etc.

Quem pretender collocar bem e SEGURO o seu dinheiro pode dirigir-se a esta casa, pois tem sempre papel para render bom juro.

contados da data da publicação do decreto n.º 7002 de 13 de Setembro ultimo, a enviar à Repartição de Finanças do seu concelho, uma declaração em duplicado dos referidos instrumentos que tiverem em seu poder.

Quem não apresentar as declarações precisas incorre nas penalidades da lei.

Nomeação

Foi nomeado thesoureiro interno da Fazenda Publica, d'este concelho, o nosso prezado amigo o sr. Antonio Vieira d'Andrade.

O novo nomeado, que bem merece o lugar em que foi investido, é um bello caracter, e muito attencioso, tendo uma larga pratica que o ha de auxiliar no caminho espinhoso que vai trilhar.

Accelte, o bom amigo, o nosso cartão de sinceras felicitações.

São tão lindas...

Os nossos liberees, registaram que a rainha dos boigas andou passando em Lisboa e a fazer visitas de vestido branco e chapen azul.

Dizem que foi muito notada a preferencia de S. M. por aquellas côres.

São tão lindas e fallam-nos tanto ao coração as cores azul e branca, que até a Rainha da Belgica tem preferencia por esse simbolo portuguez!

Quando?

Quando serão julgados os vimaranenses que ha 20 e tantos mezes estão no exilio?

Apesar de já ter sido marcado o dia para o seu julgamento, e as testemunhas de accusação, é claro, terem comparecido no Porto, o julgamento foi adiado sine die.

Por causa da carestia do pão

A União dos Syndicatos Operarios fez hoje distribuir profusamente pela cidade, um convite ao operariado, para uma reunião magna que ha de ter lugar na sede da sua Associação.

—O fim d'esta reunião é protestar contra a subida do preço do milho e outros cereaes que vão desaparecendo do mercado.

VENDE-SE

UMA CASA de dois andares e aguas furtadas, de boa apparencia, com os n.ºs 135—137, na rua de D. João I.º

Para ver e tratar com o ex.º sr. Antonio Pereira da Silva, negociante á Praça de D. Afonso Henriques.

VENDE-SE

Uma casa de habitação e uma outra onde existe a alquilaria Portas, em Vizzella na rua Dr. Abilio Torres.

Para tratar com o proprietario Claudio Pinto Teixeira da Costa, de S. Zedelo, Guimarães.

ANTONIO DE ARAUJO SALGADO

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

ARTIGOS DE MODA, FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS

SUSPENSORIOS, GRAVATAS, MEIAS E COLLARINHOS

Sedas para vestidos e guarnições

Luvas d'algodão, de seda e de pelica para homem e senhora

ARTIGOS PARA BORDAR

Ultimos modelos de colletes de espartilhos da Fabrica SANTOS MATTOS

VELLUDOS E PELUCIAS EM TODAS AS CORES

HA PRETO E VERDE, VINHOS FINOS DA CASA FERREIRINHA

19, RUA 31 de JANEIRO, 24

(Antiga Rua de Santo Antonio)

GUIMARÃES

R. N. N. P.

MALA REAL INGLEZA



PAQUETES CORREIOS A SAHIR DE LEIXOES

AVON—Em 22 de Novembro Para a Madeira, S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres. Preço da passagem em 3.ª classe Esc. 380\$00

DARRO—Em 18 de Dezembro Para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres. Preço da passagem em 3.ª classe Esc. 275\$00

DESEADO—Em 26 de Dezembro Para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres. Preço da passagem em 3.ª classe Esc. 375\$00 (Impostos comprehendidos)

Estes paquetes sahem de Lisboa no dia seguinte e mais o paquete

ARLANZA—Em 6 de Dezembro Para a Madeira, S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres. Preço da passagem em 3.ª classe Esc. 380\$00 (Impostos comprehendidos)

Dirigir os unicos Agentes no Norte de Portugal:

Tait & C.

19, RUA DO INFANTE D. HENRIQUE—PORTO. e seus correspondentes nas provincias. Correpondente em Guimarães Luiz José Gonçalves Santos